

TEXTO - BASE Nº 02
SUBSÍDIOS PARA DISCUSSÃO

UMA ABORDAGEM DO ENSINO MÉDIO EM BRASÍLIA DE 1960 a 1964

por: Renée Gunzburger Simas e
Alda Baltar

A discussão do papel do Estado, na difusão da Educação, pode trazer subsídios importantes para o oportuno encaminhamento político de um "movimento de defesa do ensino público em Brasília". No entanto, a experiência educacional - que fomos convidados a relatar - de implantação do ensino de nível médio, iniciada em Brasília, nos primeiros anos da década de 60, teve características bastante específicas devido, principalmente, ao fato de ter coincidido com a transferência da Capital para o Centro-Oeste, numa época de transição governamental.

A retomada de um movimento de tal natureza, obviamente, não pode ignorar a especificidade do momento histórico durante o qual a experiência se deu, sob pena de incorrer-se numa transposição artificial para as condições atuais.

Para facilitar a reflexão sobre o que vamos apresentar, consideraremos o Ensino Médio em Brasília sob 3 fases: sua instituição, instalação definitiva e aprimoramento, tudo isso obedecendo ~~uma~~ uma ordem cronológica.

Primeira fase: INSTITUIÇÃO DO ENSINO MÉDIO EM BRASÍLIA

O decreto nº 47.472 de 22/12/1959 instituiu a Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (CASEB), órgão que se encarregaria da construção e manutenção do sistema que incluía também o Ensino Elementar. Foi o começo.

Já naquela época, falava-se em reconstrução da escola, rompimento com os programas oficiais e integração de escola e comunidade.

Os professores pioneiros foram submetidos a uma seleção de âmbito nacional. Após provas e entrevistas, foram classificados 60 professores que formaram o primeiro grupo do Centro de Educação Média de Brasília. A CASEB organizou um estágio, no início de abril de 1960, na então futura capital. Chegavam a Brasília os primeiros professores. Formadas as equipes, foram elaborados os programas que, em todas as disciplinas, partiam de um mesmo ponto: BRASÍLIA. Na compreensão e apreensão da cidade, os professores se ajustavam à nova realidade, transmitindo a seus alunos o entusiasmo de participarem juntos na construção de uma nova perspectiva para o Brasil. O horário integral para professores e alunos, na escola, contribuía para um maior convívio e o desenvolvimento de atividades extra-curriculares.

Brasília teve um calendário escolar diferenciado dos outros estados da Federação para atender à mudança da Capital e para não interromper os estudos das crianças e dos jovens cujas famílias se encontrassem em trânsito, evitando assim perturbações que certamente influiriam no aproveitamento dos alunos. O ano letivo teve início a 16 de maio de 1960. Nessa data, em solenidade com a presença do Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek, foi inaugurada a primeira escola pública de nível médio na nova Capital Federal.

Nesse prédio, que logo teve o apelido de CASEB (mantido até hoje), passou a funcionar todo o ensino de 1º grau, correspondendo, na ocasião, às 4 séries do curso ginásial, com todas as dificuldades próprias do começo de Brasília. O entusiasmo,

porém era grande.

Para cada turma foram designados Professores-Orientadores, responsáveis pela disciplina e por questões pedagógicas em geral. Foram instalados um Serviço de Orientação Educacional (SOE), a cargo de psicólogos selecionados, e um modesto laboratório de ciências. Logo formou-se o primeiro grupo de teatro.

Os alunos que cursavam o segundo grau (clássico e científico) foram colocados ^{em uma barracão} num barracão de madeira que também teve seu apelido: SIBÉRIA. Ali foram instalados laboratórios de Química, Física e Biologia que, dentro do possível, funcionavam plenamente, procurando-se atender às necessidades pedagógicas dos programas. Professores e alunos passavam o dia todo na escola. Na parte da manhã, eram ministradas aulas e na parte da tarde os alunos participavam de estudos dirigidos, competições esportivas, experiências em laboratório, estudos na Biblioteca, grupo de teatro, aulas de revisão, etc.

Tudo contribuía para a formação de uma grande família que sofria com a nostalgia do planalto, com problemas de adaptação, mas que trazia na alma uma esperança de colaborar para um melhor futuro de nosso país.

Brasília crescia aos saltos, a todo instante alunos novos eram recebidos e criadas novas turmas. O trabalho aumentava e as dificuldades também.

Os professores que, desde o momento da seleção, tinham tido promessas de moradia foram instalados, provisoriamente, em apartamentos chamados JK, na 412 sul, e ^(em) algumas casas da W-3, ao chegarem a Brasília. Os solteiros ficavam agrupados de 4 em 4 ou de 6 em 6 em cada unidade. Os meses se passavam. Ao

voltar das férias, em setembro, nada mudara. Os mestres sentiam-se desamparados, pois, embora ~~quando~~ ^{tivessem} sido convocados por uma comissão oficial do MEC, não existia um vínculo que os ligasse às quotas de residências do Grupo de Trabalho de Brasília (GTB).

O trabalho que se acumulava no colégio e a falta de conforto dentro de casa provocaram a primeira paralização. Esse movimento teve duas resultantes: após muita luta dos corpos docente e discente, seus apelos foram ouvidos pelo próprio Presidente da República, que se comprometeu a designar as casas da CEF (atual quadra 708 sul), ainda em construção, para os professores de Ensino Médio; e essa situação conflitante, as condições que a cercavam, demonstravam que se fazia necessária uma organização maior do corpo docente: a primeira associação foi criada, "Associação Profissional dos Professores do Ensino Médio de Brasília" (APPEMB).

O fim do ano chegou com mais calma e paz. Porém, a perspectiva de um 1961 com tranquilidade e eficiência para todos foi quebrada quando, durante as férias de janeiro, um grupo de professores pioneiros ~~teve~~ ^{teve} seus contratos ~~interrompidos~~ ^{interrompidos} ~~arbitrariamente~~ ^{arbitrariamente} interrompidos. A lacuna deixada pelos colegas demitidos e um certo autoritarismo marcaram o início do segundo ano letivo em Brasília.

A Comissão (CASEB) foi extinta e, a 19 de fevereiro de 1961, todos passaram a pertencer à Fundação Educacional de Brasília.

Segunda fase: INSTALAÇÃO DEFINITIVA DO ENSINO DE 2º GRAU

(ELEFANTE BRANCO)

O Centro de Ensino Médio (CEM) "Elefante Branco" foi inaugurado a 22 de abril de 1961. Os alunos da SIBÉRIA foram transferidos para o novo prédio. Com suas instalações definitivas, o ensino de 2º grau passou a ter uma nova expressão.

Foi criada, no início de 61, a Escola de Aplicação do Curso de Formação de Professores Primários, integrada no CEM, com a finalidade de possibilitar a experimentação de métodos e técnicas que visassem ao melhor nível e resultados no processo educativo.

Foi também em maio de 61 que o Presidente da República cumpriu sua promessa: através da Associação foram distribuídas as primeiras casas. Com melhores condições de trabalho em casa e na escola, um horário menos sobrecarregado, devido à Contratações de novos professores, mediante concursos, pôde-se fazer muito mais para a integração e aprendizagem dos alunos.

A estrutura do CEM era constituída de Coordenações de Curso e de Departamentos que, juntos à Direção, formavam o Conselho Técnico. Esse órgão colegiado era deliberativo no seu todo e executivo quanto aos elementos que o integravam, tendo finalidade normativa e de assessoramento ao Diretor, nos assuntos didático-pedagógicos e administrativo-escolares.

Dentro das condições oferecidas, as atividades extracurriculares passaram a funcionar plenamente. No Clube de Música foi organizado um Coral de alunos e professores que saiu

do âmbito da cidade, apresentando-se em outras capitais do País com grande sucesso. O Clube de Teatro chegou a levar uma peça a Goiânia. A Biblioteca era muito freqüentada. Os Laboratórios de Química, Física e Biologia ofereciam excelentes instalações não só para as práticas regulares do ~~curr~~ programa estabelecido como também para as horas de lazer. Para as aulas de algumas disciplinas, os alunos se deslocavam para as salas-ambiente. Em novembro de 1961, foi inaugurada a primeira apresentação pública das atividades dos alunos do Departamento de Educação Visual. Foi também esse Departamento que começou o acervo de peças destinadas a um futuro museu de arte popular do Elefante Branco.

Nesse primeiro ano de funcionamento, surgiram os primeiros números de uma revista do CEM, de iniciativa dos alunos e com participação dos professores. Era grande o entusiasmo dos alunos que juntos a seus mestres procuravam preencher o horário integral e aproveitar, ao máximo, e que lhes era oferecido. Todos cooperavam para transformar a escola num local agradável, onde se respirava ^{uma} atmosfera sadia e de amizade entre alunos e professores.

O CEM continuou com suas atividades diurnas dentro do tempo integral, mas, no início de 1962, foram criados os Cursos Noturnos, que tinham uma estrutura própria diferenciados do diurno, porém, com uma única direção.

Terceira fase: APRIMORAMENTO DO SISTEMA EDUCACIONAL E SUAS CONTRADIÇÕES.

Após o relato do funcionamento de duas unidades de ensino médio (já contávamos, em 63, com 10, entre diurno e noturno), va-

mos tentar abordar mais amplamente a questão da escola pública que se colocou de uma maneira dinâmica, viva e participativa.

A campanha da Municipalização do ensino na Capital Federal contou com a participação efetiva de professores, alunos, pais, a sociedade brasiliense como um todo. Discutia-se a escola, discutia-se a sociedade; questionava-se a situação vivida, as experiências, relações de trabalho. Foi um grande desafio que nos obrigou a um trabalho contínuo e sistemático, eram forças conflitantes em jogo. A luta era para que a escola tivesse uma fisionomia própria. Nessa época, já existia uma nova categoria de professores, os "horistas", que trabalhavam nos Cursos noturnos; era uma ~~contingência~~ contingência do crescimento acelerado da cidade que permitia posturas e discussões diferenciadas.

Os professores estavam presentes na Secretaria de Educação, no Departamento de Ensino Médio e na Direção das escolas. Tentou-se uma direção democrática, conflituosa por natureza, mas enriquecedora como experiência integral.

Em outubro de 63, aconteceu a demissão coletiva de chefes, diretores e assessores. Não foi possível conciliar os ideais do ensino, a luta por uma escola participativa, com o arbítrio da Superintendência de Educação e Cultura, tanto no campo pedagógico como administrativo. Eis um exemplo do que ocorria: a contínua nomeação de professores, após a lei 4242 de 17 de julho (enquadramento), sem concurso, contrariando todo o espírito da luta empreendida para sua conquista. Como decorrência veio o desmantelamento do CEM em sua estrutura mais

Íntima: departamentos, atividades extras, oficinas, práticas de ensino; planejamentos ou aplicações de verbas, reais necessidades das escolas, participação crítica dos alunos e professores; em contra partida coloca-se a instituição com seus mecanismos autoritários de controle.

Esta situação, apesar da resistência de um grupo ponderável de professores, da criação do movimento em defesa da escola pública, da continuação do estudo e debates, das alternativas do ensino (como o sistema Paulo Freire de alfabetização) estava inserida num contexto maior e tem encerrado seu ciclo em 31 de março de 1964.